



DFPREVICOM

Fundação de Previdência Complementar dos Servidores do Distrito Federal

Panorama de Investimentos

Novembro de 2024

Apresentação

Apresentamos o Panorama de Investimentos da DF-PREVICOM do mês de novembro de 2024.

Com o encerramento das eleições norte-americanas e uma melhor definição do cenário econômico, os ativos globais normalizaram suas trajetórias e tiveram boa performance no mês. Nesse sentido, o dólar americano voltou a ganhar força na medida que o fluxo de recursos voltou a fluir para os Estados Unidos.

Nos ativos domésticos, observou-se mais uma vez a instabilidade diante da falta de sinalização dos ajustes necessários na política fiscal. O anúncio do pacote de medidas fiscais para contenção de gastos era amplamente esperado pelo mercado, porém a demora e a notícia de uma política de isenção de imposto provocaram forte reação nos ativos, com a leitura do aumento do déficit público e maior endividamento para os próximos anos. Com isso, as taxas de juros dos títulos do governo subiram de forma relevante, impactando a performance das carteiras previdenciárias que possuem marcação a mercado desses ativos.

A DF-PREVICOM, no entanto, se posiciona para aproveitar a alta nas taxas e buscar retorno no longo prazo, em linha com compromisso regulamentar do plano. Portanto, seguimos orientados pela estratégia de alocação diversificada e descorrelacionada entre os segmentos, tal estratégia melhora a relação risco e retorno e, adicionalmente, ajuda na recuperação das quedas no portfólio.

Nilza Rodrigues de Moraes
Diretora de Investimentos

Cenário Econômico

Novembro de 2024



Cenário Econômico

Em novembro, os mercados reagiram positivamente à vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais dos EUA, somada à vitória dos republicanos na maioria das cadeiras da Câmara e do Senado, o que facilita a execução da agenda do novo governo. O mercado observa com atenção os efeitos que podem advir das políticas que serão adotadas nos próximos anos, tais como: fortalecimento da indústria norte-americana com tarifas sobre a importação, redução de burocracia administrativa, melhoria do ambiente de negócios e combate a imigração ilegal. Entretanto, esse cenário prospectivo para os Estados Unidos aponta para um crescimento econômico robusto, bem como para um aumento da inflação de curto prazo.

Nessas circunstâncias, o mercado espera um novo corte de juros de 0,25% em dezembro, porém as curvas de juros seguem projetando patamar acima de 4,20%. As bolsas de forma global tiveram boa performance no mês, fechando a temporada de balanço das empresas com demonstração de saúde financeira e resultados consistentes, conforme expressam os índices S&P 500 com alta de 5,73% e o MSCI ACWI subindo 8,57%.

Na Europa, o velho continente vem tendo dificuldade de crescimento, o que tem aberto espaço para cortes de juros de 0,25% nas últimas reuniões do BCE, com a sinalização de que pode acelerar o corte de juros a depender da fraqueza econômica.

Os pacotes de incentivos à economia da China têm provocado melhora no comportamento dos ativos no curto prazo, mas o mercado julgou os incentivos insuficientes para que a economia ganhasse tração. A China possui capacidade ociosa, grande poupança interna e a inflação controlada, portanto, incentivos por parte do governo tendem a ser positivos para a economia, estimulando o consumo chinês que é historicamente conservador.

Enquanto isso, no Brasil os mercados caminharam na direção oposta, com o aumento das incertezas sobre a trajetória da política fiscal, resultando em mais um mês de desempenho negativo para os ativos locais. A elevação dos juros futuros observada em novembro decorre do ceticismo do mercado quanto à responsabilidade fiscal do governo, que tem encontrado dificuldades para adotar medidas mais firmes para ajustar suas contas. Sem sinal de reformas estruturantes e gastos descontrolados, o governo precisará pagar mais caro para se financiar, gerando questionamento se o país estaria caminhando para uma dominância fiscal.

Mesmo com as empresas financeiramente saudáveis e pagando bons dividendos, os juros altos e a falta do fluxo estrangeiro diminuíram a atratividade das ações, resultando em uma perda mensal do IBOVESPA de 3,12%. Os bons ventos vindos de fora não foram suficientes para ancorar os ativos locais, e os índices de renda fixa, como IRF-M e IMA-B, também apresentaram rentabilidades abaixo do esperado.

Desempenho da Carteira

Novembro de 2024

Desempenho da Carteira

Os recursos administrados pela DF-PREVICOM atingiram o montante de R\$ 119,2 milhões, elevação de 3,90% em relação ao mês anterior. Desse montante, R\$ 7,9 milhões são do PGA e R\$ 111,4 milhões do Plano DF-Previdência. Dessa forma, o plano de previdência representa 93,46% dos recursos geridos pela Fundação, sendo ainda um plano consideravelmente jovem e com horizonte de investimento de longo prazo.

Em novembro, a rentabilidade do Plano DF-Previdência foi de 0,79%, superando a meta de rentabilidade esperada para o mês de 0,69%. A performance do plano DF-Previdência foi impulsionada pela maior alocação em fundos atrelados ao CDI, decorrente de movimento tático de encurtamento da *duration*, além do bom resultado das alocações estratégicas em fundos multimercados e de exterior. Assim, mesmo com o desempenho negativo dos ativos atrelados aos juros longos, prefixados e ações brasileiras, o plano conseguiu bom resultado no mês. A rentabilidade anual do plano está em 6,99%, impactada negativamente pela forte desvalorização dos títulos públicos ao longo do ano, fato que tem afastado a rentabilidade da carteira da meta de IPCA+4,00%.

Planos	Patrimônio	Rentabilidade (%)		Benchmark		% do Benchmark
		No mês	No ano	Índice	No ano (%)	
DF-Previdência	111.379.491	0,79%	6,99%	IPCA + 4,00%	8,23%	84,98%
PGA	7.865.372	0,71%	9,18%	CDI	9,85%	93,20%
	119.244.863					

Quanto ao PGA, seus investimentos registraram retorno de 0,71% no mês e 9,18% no ano. A carteira de investimentos do PGA é composta apenas por ativos de renda fixa, em sua maior parte por ativos atrelados ao CDI, índice de referência do plano. O retorno mensal ficou 0,08% abaixo do seu *benchmark*, devido a posição em títulos públicos atrelados ao IPCA, que segue impactando negativamente a carteira.

A alocação por segmentos do plano DF-Previdência e a distribuição nas classes de ativos são demonstradas abaixo.

Alocação por Segmentos			Rentabilidade (%)		
Segmento	Alocação (R\$)	%	No mês	No ano	12 meses
Renda Fixa	77.994.911	70,03	0,37%	5,08%	7,06%
Renda Variável	10.898.564	9,79	-2,94%	-3,46%	3,14%
Estruturado	12.765.695	11,46	2,32%	9,39%	12,07%
Exterior	9.720.320	8,73	6,88%	39,00%	45,41%
Patrimônio	119.244.863		0,79%	6,99%	10,17%
Referencial (IPCA + 4,00%)			0,69%	8,23%	9,13%

A alocação em renda fixa apresentou leve aumento por conta do cenário macro e da preparação para alocação em carteira própria. Dos recursos alocados em renda fixa, 42,77% estão aplicados em fundos de ativos vinculados a juros de curto prazo (CDI), com bom desempenho no mês. Entretanto, o resultado desse segmento em 2024 segue aquém do esperado, diante das perdas com títulos de longo prazo atrelados à inflação, que atualmente estão remunerando próximos à taxa de IPCA + 7,00% imputando perdas às emissões anteriores, com taxas menores.

Desempenho da Carteira

A carteira de renda variável do DF-Previdência registrou rentabilidade negativa de 2,94% em novembro, acumulando queda de 3,46% em 2024, ao passo que o Ibovespa registrou perdas de 3,12% no mês, tombando -6,35% no ano. Ainda que alguns múltiplos sinalizem que a bolsa brasileira está barata, as indefinições locais não sinalizam para uma recuperação expressiva no curto prazo.

No segmento estruturado, as três estratégias distintas de fundos multimercados representaram 11,46% do total da alocação e tiveram retorno de 2,32% no mês. Esse segmento acumula alta de 9,39% no ano, sendo o segundo maior na rentabilidade anual, apresentando características de resiliência em cenários adversos, por alocar em diferentes classes de ativos.

O investimento na classe de ativos no exterior apresentou rentabilidade de 6,88% no mês e continua sendo, em disparado, o segmento de melhor performance no ano, de 39,00%. Esse segmento é descorrelacionado dos ativos brasileiros e, pelo segundo ano, tem sido o maior contribuinte no retorno consolidado da carteira.

Em suma, ao observar a performance das classes, fica evidente que o retorno anual vem sofrendo com a abertura das curvas de juros e o baixo desempenho da bolsa local, aonde o impacto veio substancialmente da piora da perspectiva fiscal do Brasil e a urgência de ajustes na estrutura de gastos.

Para o plano DF-Previdência, apesar dos eventos cíclicos e os impactos no curto prazo de um cenário macroeconômico imprevisível, seguimos com o olhar de longo prazo, aproveitando o atual patamar de juros para montar posições, inclusive de carteira própria, que visam garantir uma melhor perspectiva para a aposentadoria dos participantes.

Quer saber mais sobre a gestão dos investimentos? Dá uma olhada na [Política de Investimentos](#) e nos [Demonstrativos Mensais](#) da carteira em nosso site.

Expediente

Diretoria-Executiva:

Daniel Vicente Evaldt da Silva – Diretor-Presidente

Nilza Rodrigues de Moraes – Diretora de Investimentos

Bruno de Andrade Macedo – Diretor de Seguridade

Elaboração:

Diretoria de Investimentos

Projeto gráfico, diagramação e revisão:

Coordenação de Comunicação e Relacionamento

Endereço: SCN, Quadra 05 – Centro Empresarial Brasília Shopping and Towers,

Torre Norte, Sala 1226 – Brasília-DF – CEP: 70.715-900

Atendimento: (61) 3550-7592 e

atendimento@df-previcom.df.gov.br





DFPREVICOM

Fundação de Previdência Complementar dos Servidores do Distrito Federal